

PROCESSOS MIGRATÓRIOS E DESLOCAMENTOS: O CASO DE ATLETAS ESTRANGEIROS NA MARATONA DE SÃO PAULO

PROCESOS MIGRATORIOS Y DESPLAZAMIENTOS: EL CASO DE ATLETAS EXTRANJEROS EN LA MARATÓN DE SÃO PAULO

MIGRATORY PROCESSES AND DISPLACEMENTS: THE CASE OF FOREIGN ATHLETES IN THE SÃO PAULO MARATHON

Camila da Cunha Nunes (camila.nunes@unifebe.edu.br); Manoel José Fonseca Rocha (manoel@furb.br)
Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil

Fecha de recepción: 02/02/2019
Fecha de aprobación: 26/03/2019

Resumo: É comum visualizarmos no esporte e, mais especificamente, no caso de competições de corrida de rua, atletas de outras nacionalidades competindo por equipes brasileiras, fato este que se materializa na Maratona de São Paulo. Observa-se a participação de atletas que migram momentaneamente para disputá-la e a influenciam. No Brasil, a Maratona de São Paulo é a competição oficial de maratona de maior periodicidade, ocorrendo anualmente desde 1995. Diante disso, objetiva-se identificar a origem dos atletas campeões da Maratona de São Paulo no período de 1995 - 2017 e as equipes/clubes que representam no Brasil tendo em vista o fluxo migratório de atletas observado. Para tal, utilizou-se de fontes de dados primários e secundários, coletados por meio de documentos, bibliografias e outros meios de divulgação. Nesse conjunto, adotamos como fontes, jornais, revistas, *sites* e um conjunto de referenciais teóricos que fundamentam a discussão desejada. Assim como internacionalmente, os atletas africanos consolidaram ao longo do tempo uma hegemonia na competição, aparecendo como principais protagonistas, permitindo interação e aumento da competitividade, o que não quer dizer que não há a presença de atletas de outras nacionalidades no evento. Esse movimento de atletas africanos é impulsionado, atualmente, por intercâmbios possibilitados especificamente por duas equipes/clubes nacionais Coquinho e Luasa Sports.

Palavras-chave: Atletismo. Corrida de Rua. Migração. Africanos.

Resumen: Es común ver en el deporte y, más específicamente, en el caso de competiciones de carrera de calle atletas de otras nacionalidades compitiendo por equipos brasileños, hecho que se materializa en la Maratón de São Paulo. Se observa la participación de atletas que migran momentáneamente para disputarla y la influencian. En Brasil, la Maratón de São Paulo es la competencia oficial de maratón de mayor periodicidad, ocurriendo anualmente desde 1995. Frente a ello, se objetiva identificar el origen de los atletas campeones de la Maratón de São Paulo en el período 1995 - 2017 y los equipos / los clubes que representan en Brasil teniendo en cuenta el flujo migratorio de atletas observado. Para ello, se utilizó de fuentes de datos primarios y secundarios, recogidos por medio de documentos, bibliografías y otros medios de divulgación. En ese conjunto, adoptamos como fuentes diarias, revistas, sitios y un conjunto de referencias teóricas, que fundamentan la discusión deseada.



Así como internacionalmente, los atletas africanos consolidaron a lo largo del tiempo una hegemonía en la competición, apareciendo como principales protagonistas, permitiendo interacción y aumento de la competitividad, lo que no quiere decir que no hay la presencia de atletas de otras nacionalidades en el evento. Este movimiento de atletas africanos es impulsado, actualmente, por intercambios posibilitados específicamente por dos equipos / clubes nacionales Coquinho y Luasa Sports.

Palabras clave: Atletismo. Carrera de calle. La migración. Los africanos.

Abstract: It is common to see athletes of other nationalities competing for Brazilian teams in sport, and more specifically in the case of street racing competitions, which is materialized in the São Paulo Marathon. It is observed the participation of athletes who migrate momentarily to dispute it and influence it. In Brazil, the São Paulo Marathon is the official marathon competition with the highest frequency, occurring annually since 1995. In the light of this, the objective is to identify the origin of the athletes champions of the São Paulo Marathon in the period 1995 - 2017 and the teams / clubs that represent in Brazil in view of the migratory flow of athletes observed. For this purpose, primary and secondary data sources were used, collected through documents, bibliographies and other means of dissemination. In this set, we adopt as sources newspapers, magazines, websites and a set of theoretical references that base the desired discussion. As well as internationally, African athletes consolidated over time a hegemony in the competition, appearing as main protagonists, allowing interaction and increased competitiveness, which does not mean that there is no presence of athletes of other nationalities in the event. This movement of African athletes is currently driven by exchanges specifically made possible by two national teams Coquinho and Luasa Sports.

Keywords: Athletics. Street race. Migration. Africans.

Introdução

Os eventos de corrida de rua tornaram-se um fenômeno social (Burfoot 2007, Trappe 2007). É comum visualizarmos no esporte e, mais especificamente, no caso de competições de corrida de rua, atletas de outras nacionalidades competindo por equipes brasileiras. Concomitantemente a esse movimento, equipes brasileiras ficam conhecidas ao figurar no lugar mais alto do pódio, tendo como integrantes atletas estrangeiros. Alguns atletas carregam na própria denominação da equipe que representam, o nome de países como no caso visualizado no resultado de competições em que alguns atletas têm como equipe a Kenia Luasa Caixa. As razões que trazem atletas estrangeiros para o “[...] Brasil parecem serem as mesmas encontradas em nosso cotidiano esportivo: forças do mercado que impulsionam atletas que precisam ganhar a vida de modo profissional. Além, é claro, de enviar para os seus parentes parte de seus ganhos” (Ribeiro et al. 2013 403).

Também, é proporcionada pelo fato de serem requisitados pelos organizadores do evento, sobretudo, nas provas mais famosas, como a São Silvestre, a Maratona de São Paulo e a Volta da Pampulha (Ribeiro et al. 2013). Isso devido ao rendimento de alguns atletas estrangeiros, mas também, por “[...] congregar pessoas de diferentes nacionalidades, conferindo destaque ao local em que ocorre o evento” (Nunes e Rocha 2018, 196). Ademais, o rendimento de atletas de determinada nacionalidade cria uma relação de dependência com determinados países devido ao desempenho dos atletas, pois ter a participação de atletas mais competitivos ocasiona maior visibilidade ao evento. Assim, o esporte tornou-se um importante meio de competição

corporativa, onde os atletas são capturados dentro de uma rede global de organizações esportivas corporativas e, multinacionais que querem maximizar seus lucros/dinheiro (Njororai 2010).

No caso da Maratona de São Paulo, é possível observar a participação de atletas de outras nacionalidades migrando momentaneamente para disputá-la, e por sua vez, influenciando-a. Ressalta-se ainda que nas corridas de rua, observa-se a participação de “[...] atletas de diferentes faixas etárias e nacionalidades, com distintos níveis de treinamento e com variadas motivações e expectativas para a corrida [...]” (Próni 2011 177).

A Maratona de São Paulo, envolve na sua programação, como evento principal, a disputa da prova de maratona, que, conseqüentemente, atrai atletas de diversas regiões do país e do exterior, pois, além da visibilidade que o evento proporciona, premia em dinheiro os melhores colocados. No Brasil, a Maratona de São Paulo é a competição oficial de maratona de maior periodicidade, ocorrendo anualmente desde 1995, em 2018 marcou sua 24ª edição e, em 2019, completará duas décadas e meia de existência.

Diante disso, é comum visualizar-se atletas de outras regiões do país e de outros países disputando a competição. Aspecto esse, que demarca o deslocamento de pessoas pela ocorrência de um evento específico, oportunizando um turismo de eventos ou evento turístico (Cartaxo 2012; Nunes 2017). Esse fluxo de deslocamento dos atletas pode ser compreendido como processos migratórios locais, circulares ou de carreira. O processo migratório ocasionado pelo desenvolvimento do esporte é estudado por vários pesquisadores (Dustmann, Bentolila e Faini 1996; Hoberman 1997; Rial 2008; Rúbio 2017; Almeida e Rúbio 2017), e continua sendo um tema de crescente interesse (Horne 2005) no entanto, há uma lacuna quanto ao fluxo migratório ocasionado pelas corridas de rua e por atletas que vem para o Brasil em busca da conquista de eventos esportivos específicos de corrida de rua. Diante disso, objetiva-se identificar a origem dos atletas campeões da Maratona de São Paulo no período de 1995 - 2017 e as equipes/clubes que representam no Brasil tendo em vista o fluxo migratório de atletas observado.

Utilizando-se de uma proposição de Tilly apresentada por Rúbio (2017 p. 4) pode-se entender como processos migratórios locais “[...] quando o indivíduo se desloca a um lugar familiar, geograficamente próximo, onde exerce uma relação de trabalho ou mesmo matrimonial [...]”, estendemos aqui esta compreensão ao treinamento em outra localidade e a representar outras equipes que para os atletas pode representar uma atividade laboral; já os circulares conduzem “o sujeito a um destino por tempo definido, devolvendo-o ao local de origem após a realização de uma tarefa” (p. 4), nesse caso, poderíamos pensar a participação em um evento esportivo; e, de carreira como “movimentos definitivos que respondem a oportunidades de mudança envolvendo ocupação. Não se baseia em laços sociais, mas na lógica do mercado” (p. 4), busca de melhores condições de treinamento. Essas três formas de deslocamento são percebidas em atletas que praticam as corridas de rua e – parecem – envolver seus deslocamentos para participação na Maratona de São Paulo.

Por envolver uma prova de corrida de rua, historicamente, há países que se destacam nesta modalidade e são, geralmente, esses que figuram entre os primeiros colocados na Maratona de São Paulo. Observando-se mundialmente os últimos quinze anos, a competição de maratona tem se convertido em domínio da Argélia, Marrocos e, em especial, Quênia e Etiópia. Isso permite sinalizar que atletas de determinados países conquistam sucesso em alguns esportes e tornam-se referência. Um dos fatos mais comuns, são corredores africanos em corridas de longa distância, sendo que a

maioria dos corredores de elite¹ quenianos e etíopes provém de subgrupos étnicos localizados dentro do seu país. Mais especificamente, atualmente o detentor do recorde mundial da prova de maratona conquistado em 2018 é do Quênia e entre os 55 atletas mais rápidos nessa distância, todos são do Quênia ou da Etiópia segundo dados divulgados pela *International Association of Athletics Federations* (IAAF)². Sendo assim, os 55 melhores tempos estabelecidos nos últimos anos demonstram a supremacia dos atletas quenianos e etíopes. Além disso, o homem mais rápido em finalizar uma maratona é o queniano Eliud Kipchoge com a marca de 02h01min39seg, obtida em 16 de setembro de 2018 em Berlim, na Alemanha.

Materiais e métodos

Para consecução do objetivo proposto, realizou-se, conforme aponta Gil (2010), uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental. Utilizou-se de fontes de dados primários e secundários, coletados por meio de documentos, bibliografias e outros meios de divulgação. Nesse conjunto, adotamos como fontes, jornais, revistas, *sites* e um conjunto de referenciais teóricos que fundamentam a discussão desejada.

Os documentos históricos (revistas e jornais) nos oferecem subsídios para a compreensão das dinâmicas sociais constituídas pelos indivíduos em um determinado tempo e espaço. Portanto, utilizar jornais e revistas como fonte histórica é uma escolha e seleção que supõe tratamento teórico e metodológico. Em outras palavras, necessita-se entendê-los como linguagem construída a partir do social que detém historicidade e peculiaridades próprias, o que requer serem trabalhados e compreendidos como tal, desvendando, a cada momento, as relações entre imprensa e sociedade, assim como os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (Cruz e Cunha Peixoto 2007).

Os jornais, apesar de terem – muitas vezes – cunho ideológico, constituem um meio de divulgação das atividades esportivas. Além disso, ainda hoje, entre outras mídias são um importante meio de mediação entre corredores e promotores de eventos (Nunes e Rocha 2018). Os jornais que ofereceram subsídios para a construção do resgate histórico são: *Jornal do Brasil*; *Folha de São Paulo*; *Folha de Londrina*; *Diário de Cuiabá*. Os exemplares do *Jornal do Brasil*, lançado em 9 de abril de 1891, foram consultados no acervo do próprio jornal (<http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>); assim como a *Folha de São Paulo* (<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp>). A revista consultada foi a *Contra-Relógio* no período de abril de 2000 a novembro de 2017. Realizaram-se também consultas em sites de empresas organizadoras de competições de corrida de rua.

A análise foi constituída por meio da relação e confronto entre os materiais consultados. Essa ação contempla a prática social em um contexto interpretativo de mensagens e informações explícitas e implícitas. Nesse sentido, três fases caracterizaram a interpretação dos materiais coletados, a saber: pré-análise, exploração do material e interpretação dos dados. A pré-análise, consistiu na leitura do material investigado; a exploração do material empírico, ocorreu por meio da compilação de materiais e; por fim, a interpretação dos dados por meio da visualização do distanciamento, aproximação e semelhanças. Isso porque, na abordagem qualitativa, busca-se entender o significado individual ou coletivo do fenômeno

¹ Atletas de elite são considerados os que possuem rendimento expressivo e, conseqüentemente, podem figurar entre os cinco primeiros colocados.

² Dados extraídos em 11 de outubro de 2018 de <https://www.iaaf.org/records/all-time-toplists/road-running/marathon/outdoor/men/senior>.

estudado para a vida das pessoas com a finalidade de criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre os elementos (Turato 2005)

Resultados e discussão

Os processos migratórios no atletismo: o caso de maratonistas

Os processos migratórios são ocasionados por diversos fatores, em que parece preponderar no caso da participação em determinados eventos de corridas de rua, a premiação das competições e sua representatividade. Em nível internacional, aquelas que recebem maior destaque são as que fazem parte da série *Abbott World Marathon Majors*, composta pelas maiores e mais famosas maratonas do mundo, a saber: *Tóquio, Boston, Virgin London, BMW Berlim, Bank of America Chicago e TCS New York City*. Essas competições, com frequência são conquistadas por corredores africanos e parecem gerar uma relação inversa entre países centrais e periféricos. Isto é, as maratonas que compreendem a série *Abbott World Marathon Majors* ocorrem em países centrais, entretanto, os competidores de melhor performance que conquistam os títulos e quebram os recordes das provas são de países periféricos.

Diante disso, parece haver uma relação inversa no que se refere às provas de maratona entre os países centrais e periféricos³, principalmente, provindo de atletas africanos (do Quênia e Etiópia), particularmente no naipe masculino, a partir de 1999⁴. Enquanto os países centrais concentram as provas mais importantes, os países periféricos concentram os atletas de melhor performance⁵, que conquistam os títulos das competições mais importantes e detém os melhores índices técnicos que se traduzem em recordes mundiais. No naipe feminino, há uma mescla, uma vez que o recorde mundial pertence a uma atleta de país central⁶.

Tem-se proposto vários fatores para explicar esse feito, incluindo: (1) predisposição genética, (2) desenvolvimento de uma elevada captação máxima de oxigênio como resultado de caminhadas e corridas extensas em idade precoce, (3)

³ Maguire e Pearton (2000) observaram uma ordem de classificação internacional de nações em termos esportivos baseado no desempenho em esportes individuais e coletivos que, nos casos observados, se compara ao agrupamento de nações ao longo de linhas políticas, econômicas e culturais em blocos centrais, semiperiféricos e periféricos. No entanto, vale ressaltar que nem todos os países economicamente periféricos são também periféricos em alguns esportes e vice-versa nos países centrais.

⁴ Antigamente, os recordes mundiais não estavam centrados nas competições realizadas nas *Majors* e tampouco havia uma hegemonia africana. Historicamente, o domínio africano começou a ser construído apenas a partir de 1999 (Araújo 2014). Isso significa que o território instituído pela hegemonia africana se modificou ao longo dos anos.

⁵ Anteriormente a hegemonia africana, mais precisamente até 1935, as melhores performances eram registradas de atletas norte-americanos e europeus. Após (início da década de 1950), surgiu uma dinastia asiática, que logo foi quebrada por atletas britânico, africano, australiano, etíope, brasileiro, marroquino dentre outras nacionalidades (Araújo 2017) até se registrar em 2018 a quebra do recorde pelo queniano Eliud Kipchoge.

⁶ Esses argumentos têm como referência os resultados apresentados até o dia 11 de outubro de 2018, disponíveis em <https://www.iaaf.org/records/all-time-toplists/road-running/marathon/outdoor/men/senior> e em <https://www.iaaf.org/records/all-time-toplists/road-running/marathon/outdoor/women/senior>.

hemoglobina relativamente elevada, (4) desenvolvimento de uma boa “economia/eficiência” metabólica baseada em características de somatotipo e membros inferiores, (5) composição favorável de fibras esqueléticas e de enzimas oxidativas, (6) dieta; (7) vivência e treinamento em altitude; e (8) motivação para alcançar sucesso (Wilber e Pitsiladis 2012). A partir disso, a África contribui para o oferecimento de atletas com alto nível técnico.

No caso específico do Brasil, também há competições que possuem maior representatividade, um dos principais critérios é ser oficial, o que significa ter seu resultado homologado pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt). A partir disso, percebe-se que algumas equipes brasileiras acabam por realizar parcerias com atletas estrangeiros, com o intuito de ganhar estas competições. Sendo assim, alguns atletas acabam migrando para o Brasil, vivem temporariamente por alguns meses, disputam algumas competições e após, retornam para seus países de origem, muitos provenientes do Quênia e da Etiópia (Brito 2014), o que proporciona um processo migratório circular. Neste ínterim, a capacidade atlética se torna uma mercadoria para venda e o maior lance recebe acesso temporário ou, em outros casos permanente quando os atletas obtêm uma nova nacionalidade⁷. No entanto, sabe-se que esse processo requer “[...] adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação” pelos atletas (Rúbio 2017, 55).

Há especificamente, duas equipes que vem figurando nas primeiras colocações em competições de maratona no Brasil que realizam esse intercâmbio com frequência. A Coquinho/Fila/Bioleve⁸, da cidade de Nova Santa Bárbara, do interior do Paraná, é uma delas. Os corredores africanos que migram para a equipe, como contrapartida, concedem 15% da premiação recebida em cada prova a equipe. Segundo o treinador da equipe, “um atleta pode disputar três ou quatro provas antes de voltar para casa. Ele é substituído por outro africano que chega ao interior do Paraná logo em seguida e participa de outras corridas por um determinado período” (Brito 2014). Percebe-se na fala do treinador que é estabelecida uma relação totalmente econômica, pois os atletas migram momentaneamente para o país somente para participar de competições e, após, retornam ao seu país de origem. No ano de 2017, a 1ª e 3ª colocada da Maratona Internacional de São Paulo foram as atletas representantes da equipe Leah Jerotich e Christine Chepkemei, respectivamente. Já em 2018, as representantes da equipe Christine Chepkemei e Pamela Chemurgor Talam conquistaram a 6ª e 9ª colocação e, no naipe masculino, Philip Kiplimo foi o 4ª colocado (YESCON 2018a, 2018b).

Outro caso, é a equipe Luasa Sports Caixa (Associação Atlética Luasa), criada em 2007, que surgiu por meio de Luiz Antônio dos Santos ex-atleta e atualmente treinador. A equipe tem alcançado significativos resultados. Exemplo disso, são os resultados que a equipe conquistou em 2017, na Maratona Caixa da Cidade do Rio de Janeiro, das 3 primeiras colocações duas em cada naipe, foram conquistadas por atletas da equipe (1º e 3º colocado respectivamente). Também, o atleta Paul Koech Kimutai, conquistou o 1º lugar na Maratona Internacional de São Paulo e, Priscilla Lorchimá, a 2ª colocação. Ainda, Elijah Chebonei conquistou o 1º lugar na Maratona de Porto Alegre. No ano de 2018, na Maratona Internacional de São Paulo, representando a equipe conquistou o 3º e 5º lugar com Godfrey Kipkosgei Kosgei e Paul Koech Kimutai, respectivamente. No feminino, Anjelina John Joseph Yumba,

⁷ Sobre a mudança de nacionalidade pelos atletas para competir por outros países sugere-se a leitura de Njororai (2010) e Maguire (2011).

⁸ No decorrer dos anos o nome das equipes carrega consigo o nome dos patrocinadores, por isso, em alguns momentos alteram-se devido à troca ou novos patrocínios.

representando a equipe Tanzania Luasa Sports ficou em 7º lugar (YESCON 2018a, 2018b).

Esses resultados demonstram que a equipe é uma das principais concorrentes neste tipo de competição e sua representatividade é conquistada por meio dos atletas estrangeiros que integram a equipe Kenya Luasa (YESCOM 2018b) ou como mencionado anteriormente Tanzania Luasa Sports (YESCON 2018a), o nome do país junto a Luasa varia de acordo com a nacionalidade do atleta. Ainda se observa atletas que em dois anos consecutivos representam a equipe como no caso de Paul Koech Kimutai, afirmando ser uma prática frequente.

Adiante, será possível observar com maior veemência, os atletas que vem ao Brasil disputar a competição. Embora se identificasse atletas que passam alguns meses no Brasil treinando e competindo e depois retornando ao seu país de origem, há alguns que apenas realizam um processo migratório ocasional, momentâneo em que se deslocam para o país, disputam a competição e retornam para seus países de origem. Sendo assim, uma competição de corrida, oportuniza esses dois movimentos migratórios. Que denominaremos de ocasional, quando atletas de outras nacionalidades se descolam para outro país, participam da competição e dias após o evento, retornam aos seus países de origem; e, de eventual, aqueles que ocorrem a partir de parcerias com equipes brasileiras e duram alguns meses. A partir da compreensão de Maguire (2007) o que denominamos de eventual poderia ser compreendido a partir do ideal do atleta em migrar, como os caracterizados como “mercenários” que são motivados pelos lucros financeiros de forma rápida e, utiliza-se de agentes intermediários que ajudam a assegurar os acordos financeiros. Esses, dificilmente criam vínculos afetivos e de pertencimento com o local/clube que representam.

A Maratona de São Paulo: a presença de estrangeiros no pódio e a premiação como um dos atrativos

Desde a 1ª edição da Maratona de São Paulo, observa-se a presença de atletas de outras nacionalidades competindo e subindo no pódio. Sua 1ª edição foi realizada em 1995, a campeã da prova foi a Russa Iluna Nadezhda e em segundo ficou a norte-americana, Andrea Bowman. No naipe masculino, não foi diferente, em terceiro ficou o sul-africano Ndivhemi Martin (Folha de São Paulo 1996). No total, os primeiros colocados foram contemplados com 80 mil reais de premiação. Além disso, os cinco primeiros colocados em suas respectivas faixas etárias receberam medalhas (Alves 1995). Nos dias de hoje encontramos poucas provas que realizam a premiação com esse montante de dinheiro, geralmente as que oferecem são de caráter internacional.

Na segunda edição, em 9 de junho de 1996, outras nacionalidades começam a figurar no pódio, desta vez, o marroquino Chalam El Maali conquistou a prova. Completaram ainda o pódio em segundo lugar Martin Ndivhein da África do Sul e em terceiro, Mustapha Sellan de Marrocos. No feminino, figuraram em terceiro e quinto lugar as norte-americanas Maria Trujillo (mexicana naturalizada norte-americana) e Liza Ritberger, respectivamente (Ximenes 1996). A premiação para os cinco primeiros colocados totalizou 110 mil reais, e os brasileiros mais bem colocados ganharam um carro 0 Km (Folha de São Paulo 1996).

Em 1 de junho de 1997 foi realizada a 3ª edição da prova. O campeão foi o queniano Kipkemboi Cheruiyot e, o terceiro o russo Andrey Kuznetsov. No feminino, os três primeiros lugares foram conquistados pelas brasileiras, mesmo estando presente na prova Maria Trujillo, a russa Irina Yagodina, a etíope Emebet Abossa e no masculino, o mexicano Alejandro Cruz, o polonês Wieslaw Perszke, os marroquinos Abderrahim Benredouane e Ali Ettounsi, o queniano Kipkemboi Cheruiyot, Emmanuel

Sarawath, da Tanzânia; e Nicholas Nyengerai, do Zimbábue. Os vencedores dessa edição tiveram um estímulo a mais, além de receberem 27 mil reais cada, receberam passagem e inscrição para a Maratona de Nova York. No total foi distribuído 130 mil reais em premiação (Jornal do Brasil 1997; Folha de Londrina 1997).

Na 4ª edição, ocorrida em 5 de abril de 1998, no total, foram distribuídos 138 mil reais em prêmios. O campeão foi o brasileiro Diamantino dos Santos, Luiz Carlos Ramos vice-campeão, e o queniano Cheruiyot foi o terceiro com o tempo de 02h17min03seg. No feminino, as brasileiras reinaram (Zukeran 1998).

O dia 23 de maio de 1999 marcou a realização da 5ª edição do evento, os quenianos conquistaram pela segunda vez a prova com Paul Yego, seguido por seus compatriotas Geoffry Letting, Kipkemoi Cheruiyot e Joseph Cheromei, somente a quinta colocação foi conquistada por um brasileiro. No feminino, a brasileira Márcia Narloch chegou em primeiro, seguida por Wioletta Kryza, Ida Mitten, Marizete Rezende e Cleusa Maria Irineu. Os primeiros colocados receberam mais de 150 mil reais em prêmios. Como em anos anteriores, os brasileiros mais bem colocados, ganharam um carro Palio 0 Km (Symanski 1999).

Já na 6ª edição (no ano 2000), é demarcada uma nova década da maratona, e novamente a prova volta a ocorrer no mês de junho. Houve a distribuição de 150 mil reais em prêmios para os melhores colocados (Arruda 2000). A brasileira Márcia Narloch conquistou o bicampeonato com o tempo de 02h40min15seg, seguida por Nora Moragof, Kryza Wioleta, Lidia Karwowski e na quinta colocação Cleusa Maria Irineu. O queniano David Ngetich conquistou o título no masculino; o também queniano Paul Yego, vencedor do ano passado, terminou em terceiro lugar (Folha de Londrina 2000).

Em 9 de julho de 2001, na 7ª edição do evento, foram distribuídos para os mais bem colocados 170 mil reais em dinheiro e outros prêmios, sendo R\$ 27 mil para os campeões nas categorias masculino e feminino. Pelo terceiro ano consecutivo, os quenianos conquistaram a prova com Stephen Rugut e, ainda, estabeleceu o novo recorde de 02h14min30seg. O tempo realizado melhorou em 50 segundos a marca que era de Paul Yego. Stephen, foi seguido pelos também quenianos Erick Kimayo, William Musyoki, em segundo e terceiro lugares respectivamente. No feminino, a vitória foi brasileira com a Marizete Rezende. Ainda, as brasileiras Maria Baldi, Marlene Fortunato e Márcia Narloch chegaram em segundo, terceiro e quinto lugares respectivamente (Folha de São Paulo 2001).

A 8ª edição realizada em 14 de julho de 2002, teve como premiação R\$ 27.750,00 e mais um carro 0 Km. No total, foram distribuídos R\$ 144 mil em prêmios. Novamente os estrangeiros figuraram no pódio com o queniano Elijah Korir em segundo lugar e Joseph Kamau em quarto. No feminino, em terceiro lugar chegou a chilena Erika Olivera, seguida pelas russas Svetlana Baigulova e Irina Permitina (Runner Brasil 2002).

A 9ª edição, ocorrida em 11 de maio de 2003, no feminino as brasileiras reinaram conquistando as 4 primeiras colocações. O campeão foi Genilson Júnior Silva com o tempo de 02h16min40seg, seguido por Rômulo Wagner da Silva, ambos representantes do Cruzeiro. Logo após chegaram André Luiz Ramos, Elias Bastos e o quinto colocado José Teles de Souza. No total, foram distribuídos 80,4 mil reais, divididos entre os 10 primeiros colocados (Folha de São Paulo 2003).

Na 10ª edição, realizada em 2 de maio de 2004, o pódio masculino foi todo de brasileiros. A prova era classificatória para os Jogos Olímpicos de Atenas (Folha de São Paulo 2004), e a última chance de os brasileiros conseguirem o índice olímpico. Nesse ano, a organização da prova realizou uma mudança, os cinco primeiros colocados tinham sua premiação em dinheiro garantida, no entanto, do 6º ao 10º colocado não seria garantida a premiação em dinheiro. Para receberem a premiação era necessário terminarem a prova em 02h21min, no caso dos homens, e 02h43min

para as mulheres. Caso os atletas não terminassem nesse tempo ou em tempo inferior, não receberiam a premiação em dinheiro (Leister Filho 2004). Mesmo com um atleta queniano e um marroquino na categoria elite, novamente os brasileiros reinaram no pódio conquistando as cinco primeiras posições. Além da premiação em dinheiro, o brasileiro melhor colocado recebeu um carro Fiat Novo Palio 0 Km. Mesma premiação concedida a melhor brasileira. No entanto, novamente uma queniana é campeã Margareth Karie (Runner Brasil 2004).

Em 2005, as mulheres largaram apenas 23 minutos antes dos homens e foi travado um desafio entre homens e mulheres. Nesse ano, o Brasil dominou o pódio nos dois naipes. Apenas no masculino, em 2º Benjamin Somoei Kiptarus e em 5º Dominic Kipkemboi Lagat, ambos quenianos completaram o pódio. No feminino, a classificação foi todo brasileiro (Runner Brasil 2005).

Em 2006, 12ª edição do evento, marcou pela primeira vez uma dupla vitória de quenianos, com Rotich Solomon e Margareth Karie. Ele foi seguido por seu compatriota Charles Korir. Ainda, a quinta colocação foi conquistada pelo queniano Benjamin Kiptarus. No desafio homem e mulher, dessa vez os homens conquistaram com Rotich Solomon, recebendo um bônus de R\$ 6 mil, totalizando R\$ 24 mil em prêmios (Runner Brasil 2006).

Na edição seguinte (em 2007), a prova ocorrida em 3 de junho, foi novamente marcada pela conquista dos quenianos nos dois naipes (Folha de São Paulo 2007). O campeão foi Reuben Chepkwek, seguido por Michael Tluway Mislai da Tanzânia. No feminino, a queniana Jacqueline Jerotich Chebor foi a campeã, e as brasileiras completaram o pódio. Reuben Chepkwek foi o vencedor do confronto homem X mulher deixando a categoria masculina em vantagem na disputa (Runner Brasil 2007).

Na 14ª edição ocorrida em 1 de junho, o pódio masculino foi quase todo brasileiro, como ocorreu no feminino. Exceto o quinto colocado que foi o queniano Rotich Chemlany. Registrou-se 13 quenianos na disputa, além de atletas da Tanzânia e da Suazilândia, que somaram 10 países representados. No feminino, o Brasil foi soberano no pódio, conquistando as cinco colocações (Folha de São Paulo 2008).

No ano de 2009, com a criação de uma nova regra pela CBAAt que começou a valer a partir de fevereiro, as provas de corrida de rua tiveram uma limitação quanto ao número de atletas estrangeiros de elite inscritos nos eventos. Com a nova regra, são permitidos somente três atletas de cada país por naipe. Essa determinação ocasionou a diminuição no número de atletas quenianos. Em 2008 haviam onze atletas (sete homens e quatro mulheres), em 2009 somente três participaram da competição, sendo dois homens e uma mulher. A Etiópia teve quatro participantes (dois homens e duas mulheres) (Leister Filho 2009). Para alguns, essa medida não foi bem quista, e ainda hoje, divide opiniões (Ribeiro, et al. 2013). Na época, Ricardo D' Angelo, membro do Conselho Técnico da CBAAt, salientou que, "assim como os brasileiros disputam corridas lá fora sem limitações, o Brasil deveria adotar essa regra aqui. Isso [participação estrangeira] ajuda o crescimento técnico de nosso atletas" (Leister Filho 2009, D7).

Para o treinador Luiz Antônio dos Santos, essa medida também não agradou, pelo fato de ser um dos treinadores que realizava intercâmbios com atletas estrangeiros, principalmente africanos. Na época, ele relatou: "isso me deixa um pouco triste. Cheguei a ter oito quenianos treinando no Brasil. Hoje só tenho dois" (Leister Filho 2009 D7). Nesse caso, utilizando de proposições de Wacquant (2005), percebe-se o espaço de disputa entre os treinadores que realizam intercâmbios e as entidades reguladoras pelo monopólio dos capitais⁹ em jogo e, sobretudo, interesses

⁹ A partir da teoria sociológica de Bourdieu, o capital não está restrito ao capital econômico, possui diversas formas, interdependentes e não isoladas, como o capital cultural, econômico, simbólico, social,

objetivando o reconhecimento de eventos e equipes. Em outras palavras, visualiza-se a influencia dos *habitus*, pela manutenção de posições e prestígios conquistados.

Também gerou estruturações nos convites feitos para atletas estrangeiros pelas empresas que organizam as competições, segundo Thadeus Kassabian, diretor de operações da Yescom, empresa que organiza a Maratona de São Paulo desde a sua 2ª edição, “os etíopes começaram a aparecer, e vamos voltar a olhar para os fundistas da América do Sul” (Leister Filho 2009 D7). No anos 1970 e 1980 corredores equatorianos e colombianos fizeram sucesso em corridas de rua no Brasil, no entanto, a partir dos anos 1990, foram substituídos devido a conquista do prestígio e as condições físicas por atletas quenianos (Leister Filho 2009). A partir de Bourdieu (2004a), nesse *campo*¹⁰ entendido como um espaço social constituído pelas corridas de rua, verifica-se a manifestação do poder simbólico, que lhe conferem legitimidade social. Ao mesmo tempo, percebe-se que as regras próprias desse campo implicam em disputas entre os diferentes agentes, em virtude da possibilidade de apropriação de um capital específico do campo. Isto pode se evidenciar por meio do capital simbólico que garante “vantagens de reconhecimento”, manifestando-se no contexto das corridas de rua em, convites para disputar competições, fazer intercâmbios, largar no pelotão de elite, etc.

Apesar dessas modificações, os quenianos ainda obtiveram prestígio, nesta edição (em 2009) conquistando a primeira colocação no masculino com Elias Chelimo e, em quinto, o etíope Tola Ketema Nigusse. No feminino, a campeã foi Marizete Moreira dos Santos, em seguida chegaram outras brasileiras e, assim como no masculino, em quinto, chegou a etíope Tolla Aberash Tesfaye (Runner Brasil 2009).

Em 2010, novamente os quenianos se destacam e conquistam a prova masculina. Os campeões da prova receberam a premiação de 18 mil reais cada um (Folha de São Paulo 2010). O queniano campeão da prova, Stanley Kipleting Biwott, ficou a 2 segundos do recorde marcando 02h11min21seg, completaram ainda o pódio masculino seus compatriotas, Jonathan Kipkorir Kosgei e Philip Kiplagat Biwott, todos representando a equipe da Nike. No naípe feminino, a queniana, Margaret Okayo (Fila) conquistou o segundo lugar e a etíope Debele Wudnesh Nega (Nike), a quinta colocação (Runner Brasil 2010).

A prova realizada em 19 de junho de 2011 (17ª edição) contou com a contratação pela organização de três “coelhos” quenianos. O objetivo era a quebra dos recordes conquistados em 2002 por Vanderlei Cordeiro de Lima e Maria Zeferina Baldaia. Esse objetivo foi conquistado parcialmente, tendo em vista que houve a quebra do recorde feminino pela marroquina Samira Raif (Marrocos/Atlas Mountain) (Savazoni 2011). A atleta completou os 42 km com o tempo de 02h36min01seg e baixou o recorde da prova em seis segundos. A queniana Rumokol Chepkanan (Quênia/Luasa) foi a segunda a cruzar a linha de chegada, Nancy Kipron (Quênia/Fila), também do Quênia, terminou em terceiro, Magdaline Jepkorir (Quênia/Fila), outra queniana, foi a quinta colocada. Entre os homens, o queniano David Kemboi (Quênia/Nike) terminou em primeiro, com o tempo de 02h11min53seg, chegando a 34 segundos de bater o recorde. O etíope Haylu Abebe (Etiópia) e o tanzaniano Musenduki Mohamed vieram em seguida (LOSS 2011).

escolar e linguístico (Valle 2008). Ademais, “[...] cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (Bourdieu 2004b 26).

¹⁰ Segundo Bourdieu (2004b 20), *campo* seria: “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias”.

Em 2012, no pódio masculino, o Brasil conquistou a competição com Solonei da Silva, seguido por três africanos, Hillary Kimayo (queniano), Katui Kipkemboi (queniano), Wagayehu Tefera (etíope), quebrando a até então hegemonia africana que durava três anos. No feminino, as atletas estrangeiras continuaram a conquistar a prova com a queniana Rumokol Chepkanan, Aduugna Dibaba (etíope), Nancy Kipron (queniana) e Adimas Kasahum (etíope) (Runner Brasil 2012). Foram premiados os 10 primeiros colocados, sendo que o campeão recebeu o prêmio de R\$ 30 mil e o décimo o valor de R\$ 1.000. Ocorreu a quebra do recorde da na prova feminina, que reduziu a marca para baixo de 02h33min, rendendo a bonificação de R\$ 25 mil a Chepkanan (Tudo em Foco, 2012).

Em 2013, os africanos voltaram a dominar o pódio no masculino, conquistando as três primeiras posições e em parte no feminino. Assim como iniciou uma consecutiva hegemonia de títulos, em ambos os naipes. No feminino, isso já vinha ocorrendo desde 2011. No masculino, o pódio foi formado pelos quenianos Stanlei Kipchirchir e Paul Kimutai, seguidos do etíope Dereja Abera, completado pelo queniano Sammy Rotich em quinto lugar. No feminino, a vencedora foi a marroquina Samira Reif, em segundo chegou a queniana Rumokol Elizabeth Chepkanan, seguida pela etíope Zehara Kedir. Completado pela queniana Consolata Cherotich, em quinto lugar (Runner Brasil 2013).

No ano de 2014 (20ª edição), o cenário do pódio não foi muito diferente do ano anterior, já que os atletas africanos venceram as provas masculina e feminina. O vencedor foi Paul Kangogo (Coquinho Fila Caixa) e a segunda posição ficou com Daniel Limo (Nike), ambos quenianos. Já a atleta do Quênia que conquistou o título em 2012 e vice em 2011 e 2013, Rumokol Chepkanan (Kenia Luasa Caixa) novamente subiu no lugar mais alto do pódio, conquistando o bicampeonato da prova. Jane Seurey e Fridah Lodepa, também do Quênia, chegaram logo após, e em quinto a etíope Belaynesh Yigezu, todas representantes da Coquinho Fila Caixa. Os cinco primeiros colocados no geral receberam, além da medalha, um troféu e os sete primeiros ainda receberam uma premiação de incentivo, totalizando no naipe feminino e masculino a distribuição de 146 mil reais. Os técnicos desses sete atletas também receberam uma premiação, o do 1º colocado R\$ 3.000,00; do 2º lugar, R\$ 1.500,00; 3º lugar, R\$ 900,00; 4º lugar, R\$ 700,00; 5º lugar, R\$ 500,00; 6º lugar, R\$ 400,00; e, do 7º lugar, R\$ 300,00 (Yescom 2014).

Na 21ª edição (em 2015) a hegemonia de atletas estrangeiros iniciada em 2013 continua, com os quenianos campeões nos dois naipes. No masculino, o vencedor foi Asbel Kipsang e, no feminino, Carolyne Komen (Coquinho Fila Bioleve) foi a vencedora. O brasileiro mais bem colocado foi Vagner Noronha, em segundo, e entre as mulheres foi Graciete Santana em quarto lugar, atrás de outras quenianas. Conquistou o terceiro lugar o queniano Samuel Kimutai Kiptum (Coquinho Fila Bioleve). No feminino a equipe Coquinho Fila Bioleve conquistou o 1º e 3º lugar, com Carolyne Komen e Rumokol Chepkanan, e a equipe Kenia Luasa Sports Caixa o 2º lugar com Rumokol Elizabeth Chepkanan (Yescom 2015a, 2015b). A premiação recebida pelos cinco primeiros colocados foi a mesma que no ano anterior, assim como a recebida pelos sete primeiros colocados e seus técnicos, que totalizou 160.600,00 reais distribuídos nos dois naipes (Yescom 2015b).

Em 2016, novamente, os quenianos vencem, com Paul Kimutai e Alice Kibor. No masculino a diferença entre o primeiro e o segundo colocado foi de 9 segundos, o que ocasionou entusiasmo no público que acompanhava a disputa. Ainda integrou o pódio, em quarto lugar, o queniano Robert Kipchumba. No feminino, o pódio também foi dividido entre quenianas e brasileiras, com as três primeiras posições para as africanas Alice Jepkemboi Kibor, Jane Jelagat Seurey e Carolyne Komen. A premiação total recebida pelos sete primeiros colocados nos dois naipes foi de R\$ 146.000,00 e

manteve-se o recebimento dos mesmos valores de 2013. A premiação dos técnicos dos sete primeiros colocados também foi mantida (Yescom 2016).

Em 2017, mais uma vez os quenianos mantiveram a hegemonia nos dois naipes. No masculino, Paul Koech Kimutai (Kenia Luasa Sports Caixa) do Quênia conquistou o bicampeonato. No feminino, as três primeiras colocações foram de quenianas, em 1º Leah Jerotich (Coquinho Fila Bioleve); em 2º Priscilla Lorchima (Luasa Sports Taubate Caixa); em 3º Christine Chepkemei (Coquinho Fila Bioleve). A premiação paga ao atleta campeão em cada naipe foi R\$ 25.000,00; totalizando R\$ 122.000,00 distribuídos entre os sete atletas mais bem colocados, no entanto, somente os cinco primeiros subiram ao pódio. Além dos atletas, os técnicos dos sete atletas de cada naipe recebem premiação em dinheiro (Yescom 2017).

Embora perceba-se ao longo dos anos a permanência de atletas de outras nacionalidades disputando a competição, desde 2009 há medidas restritivas¹¹, e vigora atualmente no país a Norma 07 que refere-se ao reconhecimento e homologação de corridas de rua, em vigor desde 01 de março de 2018. Na Norma, menciona-se que “as corridas de rua realizadas no Brasil são destinadas, em princípio, à participação de atletas brasileiros natos ou naturalizados” (Confederação Brasileira de Atletismo 2018 2). Nas entrelinhas, visualiza-se a intenção de manter-se as corridas para os brasileiros e, quando propõe restrições a um número de atletas estrangeiros, evidencia um protecionismo, ou em outras palavras, reserva de mercado, “[...] pois impede que muitos estrangeiros estejam em muitas provas e consequentemente não obtenham, por exemplo, a possibilidade de existir uma prova que os estrangeiros venham ocupar as 10 primeiras colocações” (Ribeiro, et al. 2013 404). Além disso, a partir do contexto de títulos conquistados ao longo das edições, por exemplo da Maratona de São Paulo, sinaliza-se a possibilidade de retornar a ter um pódio somente com atletas brasileiros como ocorrido em algumas edições. Constam autorizados para competir em 2019 no Brasil 11 atletas provenientes de Uganda, Quênia, Etiópia e Tanzânia, que demarcam a constante de intercâmbios de atletas africanos (Confederação Brasileira de Atletismo 2019).

Isso significa que ao contrário do que ocorre em outras modalidades esportivas, a exemplo no futebol (Rial 2008), que é estabelecido um vínculo por um período maior de tempo, ou no caso de atletas do atletismo que solicitam nacionalidade de outros países para competir por esses em eventos oficiais (Geman 2016), o processo migratório eventual ocasionado nas corridas de rua no Brasil possibilitado pelos intercâmbios com as equipes brasileiras, não culmina em uma sensação de pertencimento, visto que são transitórios e, há no atletismo, muitas vezes, certa rivalidade entre brasileiros e estrangeiros pelos próprios resultados conquistados. Isto é, competir em uma corrida de rua representando uma equipe brasileira, sugere mais uma condição de poder participar do evento do que representar a equipe.

Esse processo pode ocasionar conflitos em relação a sua identidade cultural (Brandão, et al. 2013). Consequência do que é denominado a partir da antropologia como “choque cultural”, permeado pelo sentimento de inadequação àquele local, de viver num ambiente diferente do seu habitual. “Tipicamente, a pessoa em questão fica deprimida e ansiosa, podendo fechar-se em si mesma ou agarrar qualquer oportunidade para se comunicar com os outros” (Wagner 2010, 34).

A localização territorial dos campeões e a participação de atletas estrangeiros

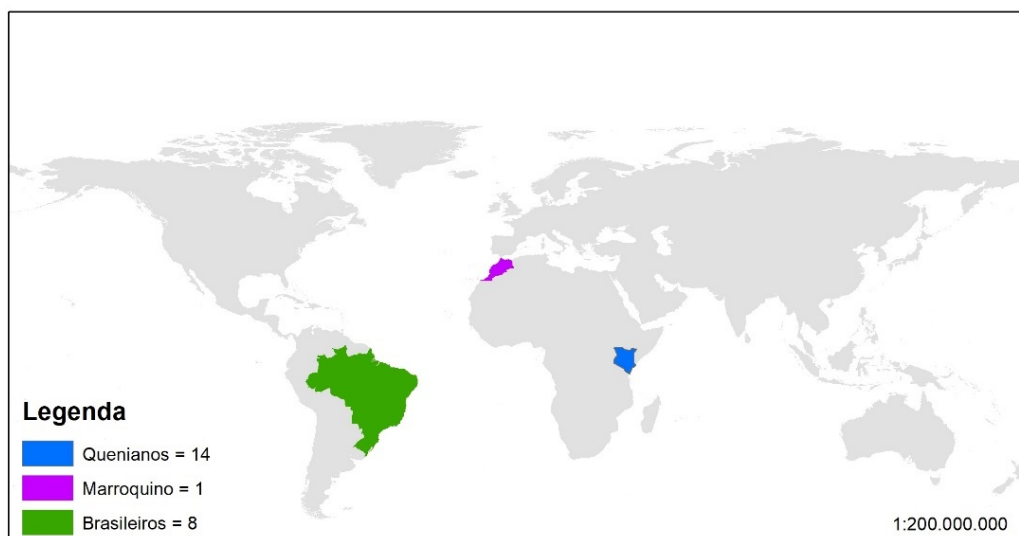
¹¹ Nos Estados Unidos da América (EUA), alguns atletas africanos também encontram dificuldade em participar de competições, no entanto, o problema está no vínculo estabelecido entre os atletas e o visto expedido para sua entrada no país (Assael 2012).

Desde a 1ª edição do evento é verificada a presença de atletas estrangeiros e que vinham em uma ascendente até a 5ª edição (1999). Em 1999 houve uma queda no número de países representados em relação aos anos anteriores. Na 1ª edição eram 7 países com representantes; na 2ª edição percebe-se a presença de nove países; na 3ª edição, 18 países. Na 4ª edição, ano em que a prova foi considerada como Campeonato Sulamericano da modalidade, ocorreu a participação de atletas de 21 países. Já na 5ª edição, a prova perdeu a condição de Campeonato Sulamericano da modalidade, dada a Maratona de Porto Alegre disputada uma semana antes da competição de São Paulo, e somente constatou-se representantes de 16 países (Folha de São Paulo 1999). Já na 6ª edição (em 2000) houve a participação de representantes de 21 países (Arruda 2000).

A perda dessa condição, juntamente com a manutenção do mesmo valor da premiação do ano anterior (de cerca de 150 mil reais), dividido entre os 5 melhores colocados e os melhores nas categorias (faixa etárias), é outro fator que justifica a queda do número de países representados. Até mesmo porque houve uma desvalorização do real em relação a moeda norte-americana comparativamente com a edição anterior, ano em que o valor correspondia a aproximadamente US\$ 128 mil. Em 1999 correspondeu a somente US\$ 88 mil, uma diminuição de cerca de US\$ 39 mil (Folha de São Paulo 1999). Outra possibilidade para o êxodo é determinada pelo fato de que já havia terminado o prazo para os atletas conquistarem o índice olímpico, para os XXVII Jogos Olímpicos que ocorreriam em Sydney, na Austrália, no ano seguinte (em 2000). Além disso, a altitude e o clima não contribuem para a conquista de bons tempos.

No entanto, apesar dessas inconstâncias nas participações de atletas de outras nações, observam-se atletas de outros países conquistando a competição. No naipe masculino, das 23 edições ocorridas até 2017, três países figuram entre os ganhadores. Sendo que somente oito vezes um brasileiro conquistou a competição e Cladir Rodrigues foi o último a ganhar a competição, em 2008. Nas demais 15 edições, por 14 vezes atletas quenianos foram campeões e uma vez um atleta marroquino. Dos brasileiros campeões, todos conquistaram somente uma vez a competição, já no caso dos africanos isso se modifica, Paul Koech Kimutai conquistou por duas vezes consecutivas a prova. Além disso, os quenianos detêm a hegemonia da prova a 5 anos no período de 2013 a 2017, conforme figura 1.

Figura 1 – Localização e polarização dos atletas campeões a partir de sua nacionalidade.



Fonte: Os Autores (2019).

No caso das campeãs isso não se difere muito, além dos atletas dos 3 países (Brasil, Quênia e Marrocos) que conquistaram o título, a Rússia também já figurou no topo do pódio uma vez. Mais precisamente, na edição inaugural. No entanto, ao contrário do masculino, as brasileiras figuraram mais vezes no pódio, somando doze conquistas. Já as quenianas conquistaram oito vezes e as marroquinas duas vezes. Também diferindo, mais mulheres subiram mais de uma vez no lugar mais alto do pódio. No caso das brasileiras, três foram bicampeãs, Viviany Oliveira (1997 e 1998); Maria Zeferina Baldaia (2002 e 2008) e; Marizete Moreira (2009 e 2010) última brasileira a ganhar a prova. O mesmo ocorreu com as quenianas Margareth Karie (2004 e 2006) e Rumokol Chepkanan (2012 e 2015) e com a marroquina Samira Raif (2011 e 2013). A única atleta tricampeã da prova é a brasileira Márcia Narloch (1999, 2000 e 2005). No entanto, as quenianas mantêm até o ano de 2017 a hegemonia da prova com quatro vitórias consecutivas, conforme pode ser visualizado no quadro 1.

Quadro 1 – Atletas campeões do período de 1995 - 2017.

Edição	Vencedora	País	Vencedora	País
1ª (1995)	Luiz A. dos Santos	Brasil	Ilyna Nadezhda	Rússia
2ª	Chalam El Maali	Marrocos	Janete Mayal	Brasil
3ª	Kipkemboi Cheruiyot	Quênia	Viviany Oliveira	Brasil
4ª	Diamantino dos Santos	Brasil	Viviany Oliveira	Brasil
5ª	Paul Yego	Quênia	Márcia Narloch	Brasil
6ª	David Ngetich	Quênia	Márcia Narloch	Brasil
7ª	Stephen Rugut	Quênia	Marizete Rezende	Brasil
8ª	Vanderlei de Lima	Brasil	Maria Zeferina Baldaia	Brasil
9ª	Genilson da Silva	Brasil	Maria do Carmo Arruda	Brasil
10ª	Frank Caldeira	Brasil	Margareth Karie	Quênia
11ª	José Teles	Brasil	Márcia Narloch	Brasil
12ª	Rotich Solomon	Quênia	Margareth Karie	Quênia
13ª	Reuben Chepkwek	Quênia	Jacqueline Chebor	Quênia
14ª	Claudir Rodrigues	Brasil	Maria Zeferina Baldaia	Brasil
15ª	Elias Chelimo	Quênia	Marizete Moreira	Brasil
16ª	Stanley Biwott	Quênia	Marizete Moreira	Brasil
17ª	David Kemboi	Quênia	Samira Raif	Marrocos
18ª	Solonei da Silva	Brasil	Rumokol Chepkanan	Quênia
19ª	Stanlei Koech	Quênia	Samira Raif	Marrocos
20ª	Asbel Kipsang	Quênia	Carolyn Komen	Quênia
21ª	Paul Kangogo	Quênia	Rumokol Chepkanan	Quênia
22ª	Paul Koech Kimutai	Quênia	Alice Kibor	Quênia
23ª (2017)	Paul Koech Kimutai	Quênia	Leah Jerotich	Quênia

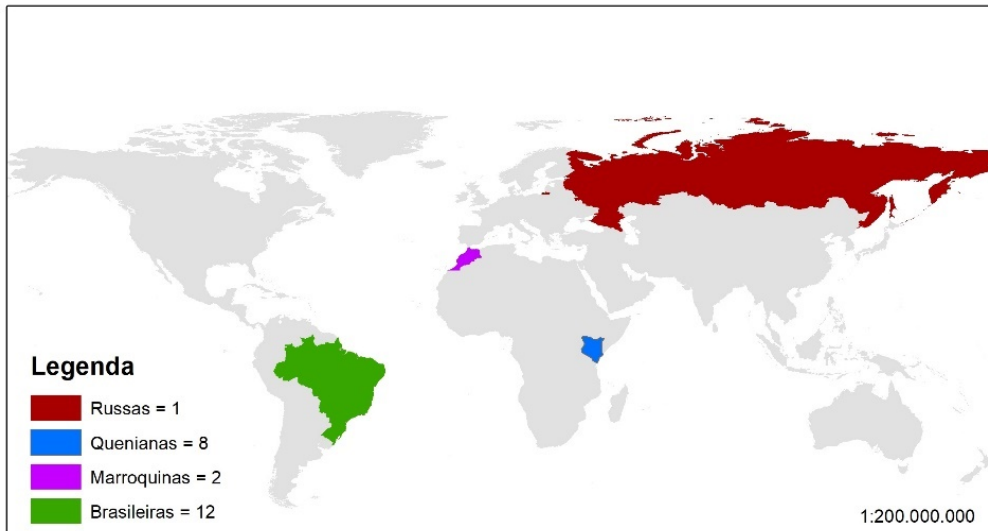
Fonte: Os Autores (2019).

Esses dados ilustram que, observando-se a prova por meio dos países ganhadores, apenas três figuraram no topo do pódio no naipe masculino e quatro no feminino. Ou seja, há polos de concentração e dispersão da prática de atletas de nações participantes da prova no decorrer dos anos, visualizando-se a partir de atletas de elite (performance) que conquistam a competição¹². Além disso, expressa que, no

¹² Visualiza-se em outros esportes, como no caso do handebol (Nunes e Mattedi 2014), pesquisas que se dedicam a estudar o seu desenvolvimento e espacialização a partir dos municípios que conquistaram competições.

naipes masculino a competição brasileira têm a hegemonia de atletas quenianos que foram campeões mais vezes, seguidos dos brasileiros. Assim como somente um queniano foi bicampeão. No contexto feminino há uma inversão, as brasileiras detêm a conquista de mais títulos e as quenianas ficam em segundo lugar. E, apenas uma brasileira foi tricampeã. Essa relação, no naipe feminino, pode ser notada na figura 3, ilustrada a partir de sua localização no mapa mundial, em que quatro países detêm a hegemonia de títulos, mesmo que ao longo dos anos de realização da competição tenham participado até 21 países em uma edição (em 1998).

Figura 3 – Localização e polarização das atletas campeãs a partir de sua nacionalidade.



Fonte: Os Autores (2019).

Fazendo um paralelo, a hegemonia africana em grandes eventos de maratona iniciada em 1999, parece que isso também se evidenciou ao longo dos anos no contexto masculino da Maratona de São Paulo. Isso porque a vinda de atletas para participarem da prova instituiu e modificou o território da hegemonia conquistada ao longo dos anos da competição, mas, ao mesmo tempo, salientou as performances expressivas conquistadas pelos atletas quenianos. No período recente, no naipe masculino por 5 anos e no naipe feminino por 4 anos, parece se fortalecer tendo em vista a hegemonia conquistada. Sendo assim, utilizando da proposição de Maguire e Pearton (2000), a Maratona de São Paulo visualizada a partir do desempenho dos atletas e sua nacionalidade no âmbito masculino apresenta uma relação inversa, onde países periféricos tenham a maior quantidade de títulos, havendo uma supremacia de atletas quenianos, no entanto, no âmbito feminino essa relação não se efetiva.

Concomitantemente ao movimento de estrangeiros, particularmente, no que se refere aos intercâmbios com as equipes, equipes brasileiras ficam conhecidas ao figurar no lugar mais alto do pódio, tendo como participantes atletas estrangeiros que representam as equipes. Esse fato pode ser observado ao longo das edições, mas, principalmente, chama atenção a edição de 2014. A 1ª, 2ª, 3ª e 5ª colocadas eram atletas estrangeiras, dessas a 1ª da equipe Kenia Luasa Caixa e as demais da equipe Coquinho Fila Caixa. No ano de 2015, o mesmo ocorre com as três primeiras colocadas, 1ª e 3ª da equipe Coquinho Fila Bioleve e a 2ª da equipe Kenia Luasa Sports Caixa. Já havíamos ressaltado sobre equipes brasileiras que cooperam com o intercâmbio de atletas que vem para o Brasil, devido ao valor pago na premiação aos primeiros colocados, a Maratona de São Paulo também atrai esses atletas e,

consequentemente, aumenta o índice técnico das disputas pelas primeiras colocações.

Apesar das diversas vezes em que os brasileiros dividiram pódio com atletas de outras nacionalidades, em 2003 somente atletas brasileiros ficaram nas 10 primeiras colocações, sendo que houve a participação de atletas de performance do exterior, um marroquino e um francês. Pressupõe-se que isso tenha ocorrido em virtude da diminuição do valor da premiação (em 2002 eram R\$ 200 mil, em 2003 foram R\$ 80,4 mil) (Atletismo. Genílson Silva e Maria do Carmo Guimarães vencem a Maratona de SP. Azarões conseguem a vaga para o Pan 2003). Esse movimento reduziu a participação de atletas estrangeiros, no entanto, o incentivo dado pela premiação aos melhores colocados, também, atraiu atletas estrangeiros para a prova em diversas edições. O que faz com que a competição esportiva ganhe visibilidade e, consequentemente, possua um maior nível técnico e disputa, permeado pelo sentimento de nacionalismo e concorrência desenvolvido entre os atletas estrangeiros e brasileiros.

No contexto específico do futebol, “[...] a circulação [de atletas], hoje global, cria, no entanto, nódulos mais importantes do que outros, onde se concentram os principais clubes e os principais jogadores” (Rial 2008, 30), referindo-se as corridas de rua, as provas que congregam atletas mais rápidos possuem maior representatividade, e também, possibilita a quebra de recordes. Além disso, o prestígio das provas desenvolve polos esportivos, de competições com índice técnico mais elevado. Isto é, a participação de atletas estrangeiros e equipes que permitem intercâmbio com atletas de outros países, colaborou para o desenvolvimento da Maratona de São Paulo e proporcionou e proporciona visibilidade ao evento.

Considerações finais

O processo migratório e o deslocamento de atletas para outros países em busca de melhores condições financeiras, treinamento, nível técnico, profissionalização, dentre outros fatores já é algo recorrente. No caso específico do atletismo, mais especificamente das corridas de rua, tornou-se mais comum o fluxo de estrangeiros de origem africana, aspecto esse também observado na Maratona de São Paulo. Os atletas africanos consolidaram ao longo do tempo uma hegemonia na competição, aparecendo como principais protagonistas, permitindo interação e aumento da competitividade, o que não quer dizer que não há a presença de atletas de outras nacionalidades no evento.

No Brasil, e particularmente na Maratona de São Paulo, esse movimento de atletas africanos é impulsionado, atualmente, por intercâmbios possibilitados especificamente por duas equipes/clubes nacionais Coquinho e Luasa Sports. Além disso, visualizou-se que ao longo dos anos, no naipe masculino, apenas uma vez figurou um marroquino e, nas outras quatorze, os quenianos conquistaram a competição. Já no feminino, apenas uma vez figurou uma russa, duas vezes as marroquinas e oito vezes as quenianas conquistaram a competição, preponderando uma maior quantidade de títulos para as brasileiras.

Diante disso, percebe-se que embora o esporte se difunda mundialmente, há polos de concentração e dispersão da prática de atletas de nações participantes da Maratona de São Paulo no decorrer dos anos. Como forma de dar continuidade a essa pesquisa, sugere-se o desenvolvimento de mais estudos que envolvam o contexto de desenvolvimento das corridas de rua no país, bem como o movimento de atletas estrangeiros nas competições de modo compreender, registrar e comparar o contexto brasileiro com o internacional. Durante a pesquisa encontrou-se como limitador poucos registros sobre, especificamente, as competições de corrida de rua ocorridas no Brasil.

Referências

- Almeida, William Douglas de, e Kátia Rúbio. "Mindaugas e Radvilas: Dois brasileiros nascidos na Lituânia." *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, Outubro-Dezembro de 2017: 869-876.
- Alves, Edgar. "'Soro' será a arma de brasileiro na maratona SP." *Folha de São Paulo*, 7 de Outubro de 1995: 4.
- Araújo, Nelton. "Os grandes recordes da maratona masculina." *Contra-Relógio*, 2017: 50-54.
- . "A evolução do recorde mundial de maratona." *Revista Contra-Relógio*, Novembro de 2014.
- Arruda, Eduardo. "ATLETISMO Atletas dos dois países devem disputar vitória: tira-teima entre Brasil e Quênia é atração da Maratona de São Paulo." *Folha de São Paulo*, 11 de Junho de 2000: D5.
- Assael, Shaun. "The File Blog." *Uphill climb for foreign runners in U.S.* 16 de April de 2012.
- Bourdieu, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004a. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004b.
- Brandão, Maria Regina Ferreira, Aline Magnani, João Paulo Medina, e Eduardo Conde Tega. "Além da cultura nacional: o expatriado no futebol." *Revista Brasileira Ciência e Movimento* 21 (2013): 177-182.
- Brito, Daniela. *Caixa banca equipe de atletas estrangeiros em corridas de rua no Brasil*. Brasília, 24 de Setembro de 2014.
- Burfoot, Amby. "The history of the marathon: 1976-present." *Sports Med*, 2007: 284-287.
- Cartaxo, Camila Augusta de Figueiredo. "Amizade, corpo e consumo entre corredores de rua de assessorias esportivas na zona Sul do Rio de Janeiro." Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012, 97.
- Confederação Brasileira de Atletismo. *Atletas Estrangeiros no Brasil*. 2019.
- Confederação Brasileira de Atletismo. *Norma 07 reconhecimento e homologação de corridas de rua*. 1 de Março de 2018.
- Cruz, Heloisa de Faria, e Maria Rosário Cunha Peixoto. "Na oficina do historiador: conversar sobre história e imprensa." *Projeto História*, Dezembro de 2007: 253-270.
- Dustmann, Christian, Samuel Bentolila, e Ricardo Faini. "Return migration: the European experience." *Economic Policy*, 1996: 213-250.
- Folha de Londrina. "Maratona traz estrelas para São Paulo. Prova já se consolida como uma das mais importantes do atletismo internacional. Largada será às 9 horas." *Folha de Londrina*, 1 de Junho de 1997.
- . "Queniano vence maratona de São Paulo." *Folha de Londrina*, 2012 de Junho de 2000.
- Folha de São Paulo. "Pan-Americano tira estrelas da Maratona de São Paulo." *Folha de São Paulo*, 3 de Junho de 2007: D7.
- . "ATLETISMO Mayal queixa-se da organização: brasileira vence e critica maratona." *Folha de São Paulo*, 10 de Junho de 1996: 4.
- . "Atletismo. Brasileiras dominam pódio da prova feminina. Estreantes bate recorde e garante ao Quênia o tri na Maratona de SP." *Folha de São Paulo*, 9 de Julho de 2001: 4.
- . "Atletismo. Genílson Silva e Maria do Carmo Guimarães vencem a Maratona de SP. Azarões conseguem a vaga para o Pan." *Folha de São Paulo*, 12 de Maio de 2003: 6.

- “Brasileiras pedem coelho.” *Folha de São Paulo*, 2 de Maio de 2010: D7.
- “Brasileiros fazem dobradinha na Maratona de São Paulo: país volta a triunfar na prova após dois anos de domínio de atletas quenianos.” *Folha de São Paulo*, 2 de Junho de 2008: D6.
- “Maratona bloqueia 42 km de vias amanhã em SP; shoppings abrem hoje.” *Folha de São Paulo*, 1 de Maio de 2004: C4.
- “Maratona de SP vê êxodo de nações.” *Folha de São Paulo*, 23 de Maio de 1999: 7.
- “Nova Maratona de São Paulo promete surpresa.” *Folha de São Paulo*, 11 de Maio de 2003: 4.
- “Percurso paulistano é considerado fácil por competidores. São Paulo faz hoje a maratona dos ‘esquecidos’ pela Olimpíada.” *Folha de São Paulo*, 9 de Junho de 1996: 9.
- Geman, Be. *Immigrant Runners Are Winning More Than Olympic Medals*. 20 de Agosto de 2016.
- Gil, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. São Paulo: Atlas, 2010.
- Hoberman, John. *Darwin's athletes: how sport has damaged Black America and preserved the myth of race*. New York: Houghton Mufflin, 1997.
- Horne, J. “Athletic talent migration.” Em *Berkshire Encyclopedia of World Sport*, por David Levinson e Karen Christensen, 116. Massachusetts: Berkshire Publishing Group, 2005.
- Jornal do Brasil. “Maratona a festa paulista.” *Jornal do Brasil*, 1 de Junho de 1997: 62.
- Leister Filho, Adalberto. “Atletismo. Evento de São Paulo, última chance para definição da vaga olímpica, condiciona pagamento à obtenção de marcas. Maratona cria prêmio por produtividade.” *Folha de São Paulo*, 2 de Maio de 2004: D7.
- “Primeiro grande evento com reserva de mercado para atletas nacionais terá só 3 quenianos.” *Folha de São Paulo*, 31 de Maio de 2009: D7.
- Loss, Lucas. *Com arrancada no final, marroquina vence Maratona de SP e bate recorde*. São Paulo, 19 de Junho de 2011.
- Maguire, Joseph A. “‘Política’ o ‘Ética’: esporte, globalización, migración y políticas nacionales.” *Lecturas Educación Física y Deportes*, Agosto de 2007.
- “‘Real politic’ or ‘ethically based’: sport, globalization, migration and nation-state policies.” *Sport in Society*, 2011: 1040-1055.
- Maguire, Joseph, e R. Pearton. “The impact of elite labour migration on the identification, selection and development of European soccer players.” *Journal of Sports Sciences*, 2000: 759-769.
- Njororai, Wycliffe W. Simiyu. “Global inequality and athlete labour migration from Kenya.” *Journal Leisure/Loisir*, 2010: 443-461.
- Nunes, Camila da Cunha, e Manoel José Fonseca Rocha. “Alguns elementos que demarcam a Maratona de São Paulo em suas primeiras edições (1995-1999).” *Revista Hydra*, Dezembro de 2018: 193-238.
- Nunes, Camila da Cunha. “Território e esporte: o processo de territorialização das corridas de rua no Brasil.” Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2017, 411.
- Nunes, Camila da Cunha, e Marcos Antônio Mattedi. “Esporte e território: a territorialização do handebol no estado de Santa Catarina.” *Recorde: Revista de História do Esporte*, Julho-Dezembro de 2014: 1-30.
- Proni, Marcelo Weishaupt. “Proposições para o estudo do esporte contemporâneo. .” *The Journal of the Latin American Socio-cultural*, 2011: 166-182.
- Rial, Carmen. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.” *Horizontes Antropológico*, 2008: 21-75.

- Ribeiro, Carlos, Hugo Lovisoló, Alberto Gomes, e Andrezza Sant'anna. "Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil." *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2013: 401-410.
- Rúbio, Kátia. "Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992." *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*, 25 de Maio de 2017: 53-67.
- Runner Brasil. "Resultados 15ª Maratona de São Paulo, 2009.
- Runner Brasil. "Resultados 10ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2004.
- Runner Brasil. "Resultados 11ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2005.
- Runner Brasil. "Resultados 12ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2006.
- Runner Brasil. "Resultados 13ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2007.
- Runner Brasil. "Resultados 16ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2010.
- Runner Brasil. "Resultados 18ª Maratona de São Paulo." *VEJA COM FOI*. 2012.
- Runner Brasil. "Resultados 19ª Maratona de São Paulo." *Veja com Foi*. 2013.
- Runner Brasil. "Resultados 8ª Maratona de São Paulo." *Veja com Foi*. 2002.
- Savazoni, André. "Com clima favorável Maratona de SP tem recorde feminino, mas não cresce." *Contra-Relógio*, Julho de 2011: 24-37.
- Symanski, Rosa. "Brasileira é primeira na maratona." *Jornal do Brasil*, 24 de Maio de 1999: 5.
- Trappe, Scott. "Marathon runners: how do they age?" *Sports Med*, 2007: 302-330.
- Tudo em Foco. *Maratona São Paulo 2012*. 2012.
- Turato, Egberto Ribeiro. "Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa." *Revista de Saúde Pública* 39 (2005): 507-514.
- Valle, Ione Ribeiro. "Pierre Bourdieu: a pesquisa e o pesquisador." Em *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*, por Lucidio Bianchetti e Paulo Meksenas, 95-117. Campinas: Papyrus, 2008.
- Wacquant, Loïc. "Hacia una praxeología social: la estructura y la lógica de la sociología de Bourdieu." Em *Una invitación a la sociología reflexiva*, por Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, 25-90. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- Wagner, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- Wilber, Randall L., e Yannis P. P. Pitsiladis. "Kenyan and Ethiopian distance runners: what makes them so good?" *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 2012: 92-102.
- Ximenes, A. "Janete Mayal é a 1ª na Maratona de São Paulo." *Jornal do Brasil*, 10 de Junho de 1996: 2.
- Yescom. *22ª Maratona Internacional de São Paulo reunirá corredores de todo Brasil neste domingo*. 2016.
- Yescom. *Listagem extra oficial (para conferência de tempo)*. 2015.
- Yescom. *Listagem extra oficial (para conferência de tempo)*. 2015.
- Yescom. *Regulamento*. 2015.
- Yescom. *Regulamento*. 2014.
- Yescom. *Regulamento*. 2017.
- Zukeran, Valéria. "Pedestrianismo". *Diamantino Silveira e Viviane Anderson vencem a 4ª Maratona*. São Paulo, São Paulo, 6 de abril de 1998.